

A mulher negra no circuito da cultura: uma análise do canal *Afros e Afins*

The black woman in the culture circuit: an analysis of the Afros e Afins channel

La mujer negra en el circuito cultural: un análisis del canal Afros e Afins

Renata Barreto Malta¹
Letícia Silva Mendonça²

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar, com base no Circuito da Cultura de Richard Johnson, aliado à Análise de Redes Semânticas, os processos de produção, representação e recepção da mulher negra concernentes ao canal brasileiro no Youtube *Afros e Afins*. Considerando um recorte de gênero e raça, discutimos o Youtube como plataforma que permite a produção cultural pelas minorias. A partir do *corpus*, evidenciamos que as mulheres negras interpretaram o conteúdo do canal com base em suas próprias vivências, trazendo nos comentários não só as impressões que tiveram ao se verem representadas nos discursos de Nátaly Neri – produtora de conteúdo -, mas também depoimentos de suas experiências cotidianas como mulher negra. Elas sugerem, ainda, alternativas para dar visibilidade a suas identidades e formas não estigmatizadas de representação, contrariando as opressões racistas e sexistas que as atingem. Concluímos que, para além de apontar lacunas, espaços midiáticos como o canal analisado significam novas discursividades de resistência.

Palavras-chave: Canal *Afros e Afins*. Circuito da Cultura. Análise de Redes Semânticas. Feminismo Negro.

Abstract:

This article aims to analyze, based on the Circuit of Culture proposed by Richard Johnson, combined with Semantic Network Analysis, the process of production, representation and reception of black women concerning *Afro e Afins* Brazilian Youtube channel. Considering gender and race as a framework, we discuss Youtube as a platform which permits the cultural production by the minorities. Basing on the corpus, we highlight that the black women interpret the channel content basing on their own experiences, bringing on the comments not only the impressions regarding the way they feel represented on the discourses by Nátaly Neri - content producer -, but also reports of their everyday experiences as a black woman. They also suggest alternatives to bring visibility to their identities and non-stigmatized forms of representation, contradicting racist and sexist oppressions that affect them. We have

¹ Universidade Federal de Sergipe, Brasil. E-mail: renatamaltarm@gmail.com.

² Universidade Federal de Sergipe, Brasil. E-mail: leticiamendonca4@gmail.com.

concluded that, in addition to point out gaps, media contents as the analyzed channel mean new discourses of resistance.

Keywords: *Afros e Afins* channel. Circuit of Culture. Semantic Network Analysis. Black Feminism.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar, a partir del Circuito de la Cultura de Richard Johnson, aliado a Análisis de Redes Semánticas, los procesos de producción, representación y recepción de las mujeres negras en el canal brasileño en Youtube *Afros e Afins*. Considerando un recorte de género y raza, hablamos de YouTube como una plataforma que permite la producción cultural de las minorías. A partir del corpus, observamos que las mujeres negras interpretaron el contenido del canal con base en sus propias vivencias, aportando en los comentarios no solo las impresiones que han tenido al ser representadas en los discursos de Nátaly Neri - productora de contenido -, sino también declaraciones de tus experiencias diarias como mujer negra. También sugieren alternativas para dar visibilidad a sus identidades y formas de representación no estigmatizadas, contrarias a las opresiones racistas y sexistas que les afectan. Concluimos que, además de señalar brechas, espacios mediáticos como el canal analizado significan un nuevo discurso de resistencia.

Palabras-clave: Canal *Afros e Afins*. Circuito de la Cultura. Análisis de Redes Semánticas. Feminismo Negro.

1 INTRODUÇÃO

Manuel Castells (2013) destaca a importância da comunicação na formação e articulação dos movimentos sociais. Quando se fala na comunicação horizontal, mediada pela internet, tem-se como principal meio de articulação de sujeitos as redes sociais digitais, espaço que além de mediar amizades, negócios e aprendizado “também pode ser bem utilizado [...] para promoção de movimentos sociais contra-hegemônicos” (MENDONÇA; MAINIERI, 2014, p. 191).

O presente trabalho aborda o *Youtube* como local de representação de identidades das mulheres negras em um ambiente que tende a ser hostil a este grupo social por potencializar discursos de ódio alicerçados no racismo e no sexismo que se descortinam de forma mais aberta e menos tolhida em comparação com ambientes *offline*. Nesse contexto, faz-se relevante trazer um dado acerca da violência nas redes sociais digitais. A tese de Luiz Valério Trindade (2018) revelou que 81% das vítimas de discurso depreciativo no *Facebook* são mulheres negras bem-sucedidas de 20 a 35 anos. Para o pesquisador, essa constatação evidencia que quando essas mulheres ascendem socialmente, sua posição social vai de encontro à imagem que se tem da mulher negra, idealizada com base no racismo e no sexismo, sempre associada à subserviência e à baixa escolaridade. Acreditamos que “esse

fenômeno seja um dentre os vários resultados sempre perversos de qualquer processo colonizador” (BORGES; MELO, 2019).

Resistir a esses embates e ocupar as redes parece ter sido a trajetória empreendida por militantes feministas negras que encontram acolhimento em uma parcela significativa de seguidoras dispostas a escutá-las e compartilhar conteúdo e vivências. Assim, compreender como essas mulheres utilizam os ambientes digitais para dar materialidade a suas formas de luta política, expondo suas subjetividades, mostra-se um caminho frutífero. “Ao serem convidadas para posicionarem-se como mulheres negras e compartilharem suas experiências, as autoras disponibilizam um conteúdo potente para compreender quais as formas de relação que estes sujeitos estabelecem consigo e com as/os outras/os” (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019, p. 5).

No que tange ao estado da arte, em uma busca nas principais bases acadêmicas identificamos uma série de artigos publicados em anais de congressos nacionais e trabalhos de conclusão de curso focados na temática em questão, considerando o contexto brasileiro. Entendemos que o conjunto dessas pesquisas reforça a relevância do tema não apenas para o campo da comunicação social, mas, numa lógica interdisciplinar, reafirma a sua transversalidade. Considerando o maior rigor científico característico de publicações em revistas acadêmicas qualificadas, recorreremos a elas para referenciar o estado atual de conhecimento que abarca nosso objeto. Identificamos artigos que abordam o ciberativismo realizado por mulheres negras, por vezes numa perspectiva mais geral e com exemplificações de diferentes plataformas, por vezes com apresentação de estudos de caso, semelhante à proposta da presente pesquisa, mas com diferentes abordagens teórico-metodológicas. Nesse universo, observamos duas preocupações centrais: 1) publicações direcionadas a dar visibilidade ao fenômeno do ciberativismo em si e discutir como novos discursos do feminismo negro ganham forma nos ambientes digitais (MALTA; OLIVEIRA, 2016; MITCHELL-WALTHOUR, 2018; SILVA, 2019; WESCHENFELDER; FABRIS, 2019). Dois desses artigos estudaram o *Blog Blogueiras Negras* e em nenhum deles o canal do *Youtube Afros e Afins* foi analisado, apenas mencionado como exemplo de espaço de ativismo do feminismo negro. 2) Publicações voltadas a problematizar embates e injúrias raciais e sexistas sofridas por ciberativistas negras (BORGES; MELO, 2019; VIANA; CARRERA, 2019). Ainda que nosso estudo não tenha a intenção de abarcar esse fenômeno, é certo que ele permeia o objeto e é acionado ao longo das discussões. Mais além, como proposta futura, ressaltamos a importância de se entender como esses embates afetam o canal em questão.

Com base no cenário descrito acima, este artigo explora a produção, representação e interpretação/percepção do conteúdo publicado no canal *Afros e afins* da *youtuber* Nataly Neri a luz do Circuito da Cultura de Richard Johnson (2014), com maior foco no terceiro eixo. Assim, o presente estudo se dedica a pensar o canal analisando todos os elementos do circuito, desde a Produção - momento em que nos debruçamos na história de Nátaly Neri, seus objetivos ao criar o canal, além das ações e funcionamento da plataforma *Youtube* associadas ao tema -; o Texto - dedicado a observar a representação da mulher negra em três vídeos do canal *Afros e afins* que abordam as temáticas: Beleza, Sexualidade e Feminismo e mulher negra -; e a Recepção - com foco nos comentários das usuárias. Acerca da última etapa, a Análise de Redes Semânticas (DANOWSKI, 2013) nos norteou como abordagem metodológica com o objetivo de compreender as interpretações e percepções das usuárias acerca das representações da mulher negra a partir do *corpus* selecionado.

2 CIRCUITO DE CULTURA

Os Estudos Culturais são centrados, desde seus primeiros textos³, na preocupação com o lugar e o papel da cultura no meio social. A aproximação dos Estudos Culturais com diversas outras tradições teóricas, enfatizando seu caráter interdisciplinar, foi de grande benefício por gerar novas percepções e interesses de estudo, “formando uma espécie de bricolagem que não privilegia nenhuma disciplina ou metodologia em particular” (COSTA, 2014, p.81). Nesse interim, a partir de uma posição periférica, é reaceso o interesse cultural pelo outro, definido como mulher, gay, lésbica, negro, terceiro-mundista (PRYSTHON, 2004).

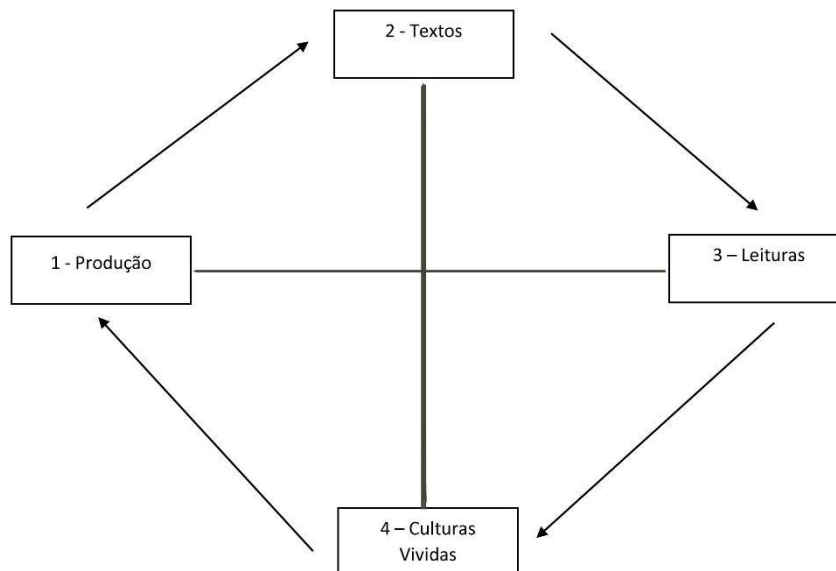
Com a consolidação dos estudos no contexto latino-americano, a preocupação em torno dos aspectos culturais da mídia ganha os holofotes “contra o olhar que reduz a comunicação a explicações causais e funcionais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 57). Desenvolvem-se, assim, estudos propondo a “integração dos diferentes elementos [...] que configuram a totalidade do processo comunicativo” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 117), observada tanto na vertente britânica, quanto latino-americana. Como abordagem teórico-metodológica, o Circuito de Cultura de Richard Johnson é a expressão de uma preocupação em se pensar o fenômeno em sua totalidade. A partir dos parâmetros propostos, o circuito é constituído por quatro momentos: Produção, Texto, Leitura e Culturas vividas.

³ As utilizações da cultura, Richard Hoggart (1957); Cultura e sociedade, Raymond Williams (1958); e A formação da classe operária inglesa, E. P. Thompson (1963)

Todos os produtos culturais [...] exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como “textos”. De forma similar, os produtos culturais não são “lidos” apenas por analistas profissionais, mas pelo público em geral (se fossem lidos apenas pelos analistas, haveria pouco lucro em sua produção). Por isso, nós não podemos prever essas leituras a partir de nossa própria análise ou, na verdade, a partir das condições de produção. Como qualquer pessoa sabe, todas as nossas comunicações estão sujeitas a retornarem para nós em termos irreconhecíveis ou, ao menos, transformadas (JOHNSON; ESCOSTEGUY; SCHULMAN, 2014, n.p).

Os elementos do Circuito (Figura 1) nortearão a pesquisa aqui apresentada como um método para analisar o canal Afros e afins enquanto um produto cultural.

Figura 1 – Diagrama Circuito da Cultura



Fonte: Adaptado de Johnson; Escosteguy; Schulman (2014).

A *Produção* é onde se instalam os modos de organização do que vem a ser os produtos culturais, o foco reside em “incluir aspectos subjetivos da produção, por exemplo, por meio da investigação das rotinas de produção” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 120-121). Na presente pesquisa essa atenção se dirige ao canal *Afros e afins* e a Nataly Neri, ademais, acreditamos ser relevante direcionar parte dessa discussão para a própria plataforma *Youtube*. Seguindo os preceitos do Circuito, o *Texto* consistirá em uma análise descritiva de três vídeos criteriosamente selecionados e, a *Leitura*, concerne às percepções da recepção, observada a partir da Análise de Redes Semânticas dos comentários dos vídeos selecionados, com o objetivo de interpretar a percepção das usuárias que acessam o canal. Para tanto, foi definido um *corpus* considerando os critérios de viabilidade e de pertinência das temáticas centrais. Três temas específicos foram elencados como prioritários, a saber: Beleza, Sexualidade e

Feminismo e mulher negra. As *Culturas vividas*, situadas no “meio social onde estão em circulação elementos culturais ativos que pautam tanto o espaço da produção como o das leituras” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 121), estão potencialmente contempladas nas discussões tanto da produção, quanto do texto e leitura.

2.1 PRODUÇÃO

O primeiro elemento do Circuito da Cultura de Johnson (ESCOSTEGUY, 2007) a ser explorado é a *Produção*, este será dedicado a conhecer o canal *Afros e afins*⁴ (Figura 2), Nataly Neri e as relações com as características da plataforma *Youtube*, como já bem pontuamos. O canal foi criado em 22 de Julho de 2015 e, até a finalização deste artigo, possuía 681 mil inscritos e mais de 30 milhões de visualizações. Segundo descrição, o *Afros e afins* foi idealizado quando Nátaly Neri iniciou seus estudos na faculdade de Ciências Sociais e se sentiu motivada a compartilhar suas descobertas com outras pessoas. Ainda na descrição é mencionado que o “canal fala sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, *slow living*, amores, beleza”.

Figura 2 – Interface do canal *Afros e afins* (Nátaly Neri)



Fonte: Edição das autoras.

Além do *Youtube*, Nataly Neri está presente nas redes sociais mais utilizadas no Brasil (COSTA, 2019), o *Instagram* com 672 mil seguidores, o *Twitter* com 259 mil seguidores e o

⁴ Atualmente o canal se chama Nataly Neri, mas na descrição continua sendo chamado de *Afros e afins*, portanto, preferimos manter essa denominação, até mesmo para evitar repetir excessivamente o nome da *youtuber*.

Facebook com 77 mil curtidas⁵. A influenciadora também é embaixadora, desde 2018, do *Creators for Change*, produziu vídeos para o projeto *#YOUTUBENEGRO* e também para o *#YouTubeBlackBrasil*, todos projetos do Youtube. Participou do programa *Encontro com Fátima Bernardes* na Rede Globo de Televisão e palestrou em dois *Ted Talks* falando sobre o estereótipo da “mulata”, em 2017, e Afrofuturismo no ano de 2018.

A presença da influenciadora nos sites de redes sociais digitais, abordando temas relacionados a mulher negra, torna-se relevante quando consideramos a realidade dos meios de comunicação no Brasil. Segundo relatório do Intervezes, os grupos que dominam a mídia são constituídos “por uma elite econômica formada por homens brancos” que “impedem a existência de uma pluralidade de vozes” (INTERVOZES, 2017, n.p). Nesse sentido, dados da Pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa apontam que, no período de 20 anos, a principal produtora de telenovelas no país – Rede Globo – apresentou apenas 10% de atores negros na condição de personagens centrais⁶ (CAMPOS *et al.*, 2018). Nos sites de redes sociais, ambientes estes que tem como premissa promover a “*interação social*” (RECUERO, 2005, p. 7 *grifo da autora*), Nataly Neri, assim como outras influenciadoras que abordam questões sociais, interrompe essa dinâmica de silenciamento de grupos historicamente excluídos na mídia. Mais além, sua presença significa a apropriação das novas tecnologias como estratégias para disputar as narrativas contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe no campo cultural (SILVA, 2019).

Retomando o âmbito da Produção do Circuito da Cultura, Escosteguy (2007, p. 122) ressalta a necessidade de considerar a “organização político-econômica da instituição midiática que produz o texto em foco, bem como as representações de tal programa nos meios de comunicação”. Nesse caso específico, vamos abordar o funcionamento do *Youtube* em associação às dinâmicas propostas pelo objeto de estudo, e algumas de suas ações relacionadas aos produtores de conteúdo. Nesses ambientes, os usuários se familiarizam com certas características das redes, como buscabilidade, replicabilidade, permanência das interações nos arquivos e audiências invisíveis, fundamentais para a concepção do ativismo em rede (RECUERO *et al.*, 2015).

O *Youtube* é a rede social mais acessada no Brasil (KEMP, 2020), cada usuário – tanto criadores de conteúdo quanto os que assistem e interagem - ajuda a manter o funcionamento

⁵ Diferente das demais redes sociais citadas, no *Facebook* as páginas são curtidas e não seguidas.

⁶ No dossiê intitulado “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 – 2014), o grupo apresenta de forma detalhada outras informações sobre como o negro foi, ou deixou de ser representado, ao longo da história da teledramaturgia nacional.

da plataforma em uma espécie de cultura participativa (JENKINS, 2009). Ademais, os algoritmos do *Youtube* recomendam conteúdo aos usuários ininterruptamente. Pode-se dizer que o sucesso do *Youtube* se deve à junção da imensurável quantidade de conteúdo disponível gratuitamente, a oportunidade de ganhar dinheiro produzindo conteúdo e as recomendações dos algoritmos que correspondem a mais de “70% do tempo que as pessoas passam assistindo vídeos no site” (SILVA, 2018, p. 53). Além de remunerar seus criadores, com anúncios, o site também investe em muitas ações com o intuito de incentivar a produção, algumas dessas ações são direcionadas a *youtubers* que abordam questões sociais. O projeto *Creators for Change*, do qual Nátaly Neri é uma das embaixadoras, foi iniciado em 2016 e tem como objetivo apoiar criadores do mundo todo que de alguma forma abordem em seus vídeos temas de relevância social.

No Brasil, a plataforma promove alguns projetos também de impacto social. É válido indicar aqui dois desses projetos que têm relação direta com o tema do artigo. O primeiro é uma série de vídeos postados no canal *Afros e afins* com a *hashtag* *#YoutubeNegro*, a ação foi promovida pelo Youtube Space de São Paulo no ano de 2016 e teve como objetivo divulgar criadores negros da plataforma. Outra ação promovida no país é o *Youtube Black Brasil* que acontece desde 2015 no mês de novembro com o objetivo de celebrar o mês da Consciência negra (GOOGLE, 2017).

Ainda sobre o *Youtube*, é importante destacar o mais recente investimento de cem milhões de dólares para ampliar o alcance de criadores negros, a iniciativa foi divulgada pela CEO da empresa, Susan Wojcicki, após o movimento *Black lives matter* (FIORE, 2020). Em paralelo a essas ações, e de forma paradoxal, um grupo de quatro *youtubers* negras estadunidenses anunciou que está processando a plataforma alegando que os algoritmos agem de forma racista, restringindo e até removendo conteúdos com a temática afro-americana do site, em contrapartida, discursos de ódio direcionados a mesma comunidade negra são mantidos (LIMA, 2020). O caso citado não parece ser um fenômeno isolado ou exclusivo do *Youtube*, em pesquisa recente, Tarcízio Silva (2020, p. 128) demonstrou que “as manifestações algorítmicas de racismo são micro agressões frequentes de diversos tipos, que podem afetar os usuários de plataformas de forma individual ou vicária”.

1.2 TEXTO

Referindo-nos ao elemento *Texto* do circuito, foram selecionados três vídeos do canal *Afros e afins* relacionados aos seguintes temas: *Beleza*; *Sexualidade e Feminismo e mulher*

negra. Será realizada uma descrição dos vídeos listados, ressaltando alguns trechos que nos permitam observar a imagem (ou imagens) de mulher negra representada no canal a partir do *corpus*. Nessa etapa, não propomos uma discussão teórica qualificada do conteúdo descrito, considerando que ela se dará na terceira fase, a da leitura.

Tomamos como referência o entendimento de Stuart Hall (2016, p. 32), para o qual a representação “é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”. As representações midiáticas, ao produzir significados, funcionam como sistemas simbólicos “o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais” (WOODWARD 2014, p. 14).

Beleza

O vídeo *Releitura de penteados* que usava na infância apresenta um conteúdo que transcende valores estéticos. Nataly Neri, que tem cabelos crespos, inicia o vídeo falando que costumava usar penteados quando criança, antes de ter contato com produtos que destruíram seu cabelo e autoestima. O objetivo do vídeo, segundo ela, é valorizar esses penteados e mostrar que eles podem ser utilizados no dia a dia. A *youtuber* apresenta seus penteados e comenta suas experiências. Em um momento, ao lembrar de quando alisou os cabelos, suas asserções são negativas. O procedimento contrário, a transição capilar, tem sido valorizada por muitas mulheres negras, Neri não fala especificamente desse tema no vídeo, mas fica implícito que passou pelos dois procedimentos, o alisamento e a transição.

O último penteado é o das trancinhas, Nataly Neri diz que gostava especialmente do seu cabelo trançado porque era uma maneira de balançar, e ela queria muito isso quando criança. Sobre a experiência de voltar a usar esses penteados, a *youtuber* afirma que o problema nunca esteve nela e sim nas pessoas que a faziam se sentir desconfortável. Por fim, ela ainda convida as inscritas a compartilhar suas histórias acerca do tema.

Sexualidade

O vídeo *Mulher negra e sexualidade - Com Xan Ravelli⁷ e Gabi Oliveira⁸* faz parte do projeto *#YoutubeNegro* publicado em dez episódios no canal *Afros e afins*. No episódio em questão, o tema é sexualidade, discutido sob as perspectivas de Nátaly Neri, que apresenta o projeto, e de suas convidadas Xan Ravelli e Gabi Oliveira, que também são youtubers negras. Nátaly Neri inicia o vídeo destacando a complexidade de se discutir a sexualidade da mulher

⁷ Xan Ravelli é criadora do canal Soul Vaidosa com foco na beleza da mulher negra e assuntos relacionados.

⁸ Gabi Oliveira do canal De pretas fala sobre “estilo de vida e questões raciais”, também é integrante do Creators for change, colaboradora da ONU e da Avaaz, já palestrou em Harvard e em um TEDx.

negra devido à hipersexualização dessas mulheres. Xan Ravelli complementa que existem dois opostos, a mulher negra considerada objeto sexual e a mulher negra que sofre totalmente a negação da sua sexualidade, porque não se enquadra no padrão da “passista de escola de samba”.

Para Gabi Oliveira, um dos grandes problemas desse estereótipo é que ele se reflete no comportamento da mulher negra que acaba sendo impelida a trilhar dois caminhos, “ou segue o estereótipo ou se limita a não usar certas peças de roupa para não o reafirmar”. Ainda sobre os estereótipos, Xan Ravelli comenta que o corpo acaba definindo a mulher negra como se ela não tivesse uma escolha ou “não pudesse ser qualquer outra coisa”. Nátaly Neri lembra de conversas com amigos que sempre falavam sobre a diferença entre o corpo branco, romantizado e limpo, e o corpo negro, visto socialmente de uma forma suja, segundo a *youtuber*.

O vídeo traz ainda a importância de se fazer recortes dentro do feminismo, principalmente com relação à sexualidade, porque a luta das mulheres brancas por exposição do seu corpo é diferente daquela que norteia as mulheres negras que, na prática, sempre foram muito expostas. Gabi Oliveira cita como exemplo a *Globeleza* que, segundo ela, por muito tempo representou “o nosso único papel na sociedade, o de entreter através do corpo”. Como forma de propor outros olhares, as *youtubers* terminam o vídeo convidando as mulheres negras a parar de acompanhar a mídia que não as representa e a buscar outras referências mais plurais.

Feminismo e mulher negra

Como estudante de Ciências sociais, Nátaly Neri costuma problematizar os temas que explora no canal com base em conteúdo acadêmico. O vídeo *Mulher? Que Mulher? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões*, publicado no dia 8 de março de 2020, discute se o Dia internacional da mulher de fato representa todas as mulheres e traz como referência o texto *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano* de Lélia Gonzalez (2011).

A *youtuber* assevera que a mulher negra tem dois momentos de destaque no ano, o primeiro é novembro, mês da consciência negra, quando o foco é o movimento negro, e o outro deveria ser março, quando a mulher negra é “estrategicamente esquecida ou [...] citada pontualmente”. Nesse sentido, ela afirma que generalizar a categoria mulher e tratar tudo no singular limita o debate a uma perspectiva branca e não incorpora as particularidades de outras mulheres, fazendo com que mulheres negras e trans fiquem limitadas a suas dores, sendo citadas como um “tem também” dessa categoria geral. Exemplificando essa situação,

Neri lembra que já foi acusada de ser contraditória, como mulher negra, por falar sobre assuntos que fujam do tema racial, como quando aborda temas sobre beleza ou veganismo. Ela afirma que dificilmente alguém vai ver criadoras de conteúdo brancas desculpando-se por não falar sempre e somente sobre suas “dores ou opressões”, ou tendo a necessidade de reafirmar sua capacidade de também falar sobre outros assuntos.

O ponto alto do vídeo é mostrar que o movimento feminista, assim como tantos outros, teve grande parte de suas referências no movimento negro e hoje minimiza essas pautas, e que é um problema não pensar raça quando se fala de mulheres no Brasil, uma vez que o país é formado por uma minoria branca. Referenciando o texto de Lélia Gonzalez, a *youtuber* cita que no contexto latino-americano as mulheres negras se iniciam em movimentos sociais antirracistas, ao sofrerem com o racismo, e, ali, encontram a desigualdade de gênero. Por consequência disso, buscam o movimento de mulheres, onde, no entanto, não ganham espaço para discussões raciais, desse modo, mesmo sofrendo críticas, a saída encontrada é se organizarem separadamente entre um meio e outro.

1.3 LEITURA

O último eixo do circuito é a *Leitura*, momento dedicado à interpretação dos sujeitos frente aos produtos culturais, como uma prática também de produção (JOHNSON; ESCOSTEGUY; SCHULMAN, 2014). Tomando como referência o pensamento de Stuart Hall (2003, p. 399), argumentamos que as leituras não correspondem necessariamente ao que foi comunicado no texto, ainda que ocorra nessa troca “algum grau de reciprocidade”.

Essa etapa, na presente pesquisa, concentra-se na análise dos comentários dos três vídeos descritos e em uma discussão qualificada dos achados. Levando em conta a quantidade de comentários - um total de 3.357 -, optamos por fazer uso de um método de pesquisa para auxiliar a coleta, tratamento e interpretação dos dados, a Análise de Redes Semânticas.

Inicialmente todos os comentários foram coletados no *Youtube data tools*. A ferramenta desenvolvida por Bernhard Rieder (2015) possui cinco módulos, cada um capaz de coletar informações específicas do site *Youtube*. Fazendo uso do módulo *Video Info and Comments* foi possível extrair todos os comentários dos três vídeos e, posteriormente, processar os dados no programa WORDij, desenvolvido por James Danowski (2013). A aplicação WORDLINK do *software* “faz uma análise da co-ocorrência entre termos para produzir uma lista de palavras mais frequentes, uma lista de pares de palavras mais frequentes e uma rede de conexão entre as palavras” (PAZ; MEIRELLES, 2018, n.p), criando uma rede

semântica que permite “analisar aproximações e distinções objetivas entre as palavras, em contraponto a apenas a frequência isolada” (MALTA; COSTA; MEIRELLES, 2019, p. 31).

Por último, a rede foi transferida para o *software* GEPHI (BASTIAN et al., 2009), onde a aplicação do *layout* ForceAtlas2 forneceu uma interface de rede composta por nós, arestas (laços) e cores. Os nós indicam as palavras, quanto mais ligação essa palavra tiver com outras, ou seja, mais laços de co-ocorrência, maior e mais ao centro da rede irá aparecer. Os termos menos conectados aparecem em nós menores e às margens da rede. A proximidade entre as palavras determina seu grau de aproximação semântica, os nós que tiverem maior conexão entre si formam os clusters, estes são apresentados pelo GEPHI com a aplicação do cálculo de modularidade (PAZ; MEIRELLES 2018; MALTA; COSTA; MEIRELLES, 2019). Todo o processo foi repetido três vezes, resultando em uma rede para cada vídeo selecionado, e os resultados serão discutidos a seguir.

Apresentação dos clusters

O vídeo *Releitura de penteados que usava na infância* contabiliza 2.283 comentários, resultando em 7 clusters. Os termos com mais co-ocorrência diante da rede 1, respectivamente, são “cabelo”, “amei”, “ficou”, “penteados”, “fazer”, “arbusto”, “cabeça”. O segundo vídeo, *Mulher negra e sexualidade - Com Xan Ravelli e Gabi Oliveira*, totaliza 659 comentários e apresentou 5 clusters, “mulher”, “vídeo”, “mulheres”, “sempre”, “dia”. O terceiro vídeo, *Mulher? Que Mulher? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões*, com 415 comentários, apresentou 7 grupos, sendo estes, “mulheres”, “feminismo”, “vídeo”, “mulher”, “É” e “VC”. O acesso aos mapas interativos completos está disponível nos links concernentes às três redes mencionadas⁹.

As redes nos guiam para os pontos mais relevantes a serem analisados, possibilitando observar o conjunto dos comentários como um todo sem a necessidade de ler cada um deles. É importante salientar que, apesar de serem diferenciados por cores, os clusters não se isolam entre si, eles se complementam, formando a totalidade da rede. Os resultados das redes semânticas serão discutidos a seguir com a apresentação de alguns comentários e destaque para termos que revelam como o público interpretou a representação da mulher negra no canal *Afros e afins*, teoricamente embasados. Antes de apresentar os resultados, é importante registrar que somente os comentários de mulheres negras foram considerados como exemplos, uma vez que as narrativas são endereçadas a elas.

⁹ Rede 1 disponível em: <https://bit.ly/32ISZdn> Rede 2 disponível em: <https://bit.ly/3gPRI9n> Rede 3 disponível em: <https://bit.ly/34Q8Edy>

Beleza

No vídeo *Releitura de penteados que usava na infância*, os comentários mais expressivos do público foram de recordações da infância relacionadas às formas de lidar com seus próprios cabelos. A proximidade de termos como “emocionada”, “vontade”, “refazer” e “saudade” evidencia que, ao apresentar sua própria experiência, Nataly Neri despertou no público a mesma “nostalgia”, proporcionando um momento positivo para algumas (Figura 3), mas também negativo para outras (Figura 4).

Figura 3 – Comentário de usuária no canal.

Eu fiquei emocionada com seu vídeo. Quando eu era criança também inventava coisas com o cabelo. Eu fazia tranças pra esconder meu volume, pra baixar, pra sentir ele nas costas. Depois alisei. Hoje estou mais que feliz com meu cabelo natural e resolvi fazer box braids e me dei conta que o motivo é outro e isso me fez sentir tão poderosa, por ter a liberdade de me expressar com meu cabelo sem uma imposição externa. Estou feliz por essa revolução. Você é incrível, Nah. Obrigada

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Figura 4 – Comentário de usuária no canal.

Meu cabelo é super volumoso e cacheado. Eu partia no meio, colocava muito creme e fazia um coque. Assistindo esse vídeo até pensei em fazer mas me deu uma sensação horrível. Deu vontade de chorar. Foi bem difícil a infância com cabelo crespo.. e estava achando que tinha superado, através desse vídeo descobri que não. Obrigada Nataly, vou me esforçar pra que consiga recriar os meus e dar fim a minha auto-imagem pautada na insegurança que estão aqui desde a infância. Não deve ter sido fácil fazer esse vídeo! Sou muito grata por ter sido pega despercebida por essa proposta ♡

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Os clusters com mais conexões foram “cabelo”, “penteados” e “amei”, revelando muitos comentários positivos direcionados ao vídeo, aos penteados e a própria Nataly Neri. Ao retirar o foco do centro da rede, notamos termos como “transição”, “alisar”, “crespo”, “volume”, com o mesmo estilo de depoimentos sobre experiências pessoais do público. Como marca da feminilidade, construída social e culturalmente, a relação da mulher com seus cabelos se torna “expressão de características pessoais e sociais” (SANTANA, 2014, p. 134). Para as mulheres negras, especialmente as que têm cabelos crespos ou cacheados, essa relação se complexifica. As conclusões do estudo realizado por Campos, Cruz (2018) constataam que o disciplinamento dos cabelos de mulheres afrodescendentes está pautado em discursos que implicitamente sugerem que a estética natural dos cabelos crespos não é a ideal (Figura 5). O reflexo desse padrão está na negação das próprias características fenotípicas, situação registrada em muitos comentários de mulheres que decidiram alisar seus cabelos após sofrerem racismo na infância.

Figura 5 – Comentário de usuária no canal.

Mdssss Nátalyyy, a minha infância foi tranças no cabelo, desse mesmo jeitinho, minha mãe não sabia o que fazer com ele, e ele era enoorme por meu tamanhozinho, era um sofrimento só, mas eu até gostava, me sentia mó bonita, até que de presente ela alisou meu cabelo. Eu me lembro que, como eu tenho muito cabelo, ficava esquisito já no segundo mês e eu só vivia com ele preso, a raiz ficava extremamente volumosa. Uma vez nesse meio tempo, eu quis voltar meu cabelo natural, e nem sabia o que era transição, porque meu cabelo quebrava horrores, e eu passei um tempo trançando novamente, lá pras 7°/8° série, foi quando a galera pesou em mim, começaram a me zuar, eu não aguentei e voltei pro liso. Agora quase 9 anos depois, com quase 2 anos de transição, tô mais do que feliz em poder ficar com meu cabelo solto, e SENHOR como eu esperei por isso, ficar com o cabelo solto.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

No Brasil, o racismo e a negação de si - da cor da pele, dos cabelos e dos traços fenotípicos estão atrelados ao mecanismo da mestiçagem que, seja “na sua forma biológica (miscigenação), seja na sua forma cultural (sincretismo cultural)” (MUNANGA, 1999, p. 90), objetiva unificar racial e culturalmente a sociedade pautada no “modelo hegemônico branco” (Ibidem). O reconhecimento da identidade negra, tomando como referência a própria identidade nacional marcada pela mestiçagem, torna-se um desafio “em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo” (GOMES, 2003, p. 171).

As respostas ao vídeo e o próprio texto de Nataly Neri evidenciam as consequências, ainda tão presentes, desse histórico de negação das características fenotípicas afrodescendentes, assim, o uso do cabelo crespo natural aparece como forma de “resistência cultural à opressão racista” (HOOKS, 2014, n.p) (Figura 6).

Figura 6 – Comentário de usuária no canal.

Quanto mais eu assisto os seus vídeos que se relacionam com o seu cabelo, mais eu fico com a impressão de que ele é pura identidade, e que as mil formas de explorar ele compõem uma das artes mais lindas ♥ amei real oficial essa sua iniciativa de rever os seus penteados antigos e ver como eles se encaixam no seu novo eu.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Se na década de 1960 durante o movimento *Black power* o cabelo crespo natural se tornou ferramenta de luta (HOOKS, 2014), o incentivo à transição capilar e à valorização dos cabelos crespos e cacheados marca o ativismo negro atual. Nesse contexto, apesar do crescente número de produtos e campanhas de marketing destinado a esse público (CAMPOS; CRUZ, 2018), é nas redes sociais que, de fato, essas mulheres encontram apoio para realizar a transição capilar. Em um trabalho etnográfico no *Facebook*, Gomes (2020, p. 91) diz que se sentiu extasiada em ver tantas mulheres que, assim como ela, recusavam-se a continuar com o uso de alisantes. A transformação, desse modo, não é somente nos cabelos, mas na própria aceitação ou, conforme destaca a autora, na reconstrução da imagem das mulheres negras.

Muito além de uma reconfiguração capilar, as subjetividades que transcendem esse movimento corroboram para que novos processos de identificação com a cultura negra sejam facilitados. “Outros saberes são reconhecidos, antigos saberes passam a ser ressignificados e a população negra brasileira passa a ter uma história que tem as formas de resistência como principal elemento” (WESCHENFELDER; FRABRIS, 2019, p. 8). Ademais, “o modo de usar o cabelo expressa uma intervenção política que permite contestar o sistema de beleza hegemônico” (LOPES; FIGUEIREDO, 2018, n.p.). Assim, a produção de novas discursividades sobre a mulher negra é indissociável de seu significado político.

Sexualidade

O vídeo *Mulher negra e sexualidade - Com Xan Ravelli e Gabi Oliveira* foi lido pelo público como “importante”, “necessário” e “fundamental” (Figura 7).

Figura 7 – Comentário de usuária no canal.

Ai que orgulho de vocês! Que orgulho de viver esse momento, de estar presenciando essa discussão, este empoderamento tão necessário e importante para nós já mulheres e para as nossas meninas. Parabéns para vocês três.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

As *youtubers* destacaram o modo como a sexualidade da mulher negra é percebida socialmente, por vezes muito explorada, quando se enquadra no estereótipo da “mulata”, por vezes negada, dando forma a um corpo não desejável. Essa dualidade foi ratificada por parte do público (Figura 8). Na rede a proximidade das palavras “corpo”, “vergonha”, “mulher” e “negra” expôs depoimentos de mulheres que não se sentem à vontade consigo mesmas (Figura 9), evitando até mesmo relacionamentos amorosos ou qualquer comportamento que necessite expor o corpo.

Figura 8 – Comentário de usuária no canal.

Me emocionei! Ainda tenho um diário que escrevi quando tinha 14 anos. Me comparava com todas as meninas ao meu redor Odiava meu cabelo, minha cor, meu corpo. Tinha desenhado meu rosto todo rabiscado até a folha se rasgar e assim foi por muitos anos até eu crescer e me sentir um ser atraente e bonito da minha forma. Porém. . como nada são flores... oque eu fazia pra me sentir bem era me esforçar pra me encaixar naquele padrão exportação. Era a única forma de me oferecer alguma sexualidade, alguma beleza. Ainda era superficial pq depois de uma gravidez e uns quilinhos a mais quase entrei em depressão. Meu corpo globeleza não estava mais lá. Hoje sou uma mulher mais segura, mãe de duas meninas e apesar de estar ciente que não preciso ter aquele corpo da TV (europeu ou negra exportação) ainda tem dias que bate a bad e eu tenho que ir na frente do espelho e me namorar. rrsrs é uma lutaaaa! Mas a gente segue a vida. Agora minha missão é passar sempre segurança para as minhas jabuticabas 😊. Tô amando esse projeto! 🙌🙌🙌🙌

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Figura 9 – Comentário de usuária no canal.

Esse vídeo foi como um desabafo para mim, eu não consigo me relacionar sexualmente com ninguém e o maior motivo é o meu corpo obviamente, eu já ouvi muito dessa coisa de mamilo rosa e marca de tapa; entre outras coisas mais pesadas, isso fez com que me sentisse mais recatada, tanto que não uso roupas apertadas e me esforço ao máximo para esconder meu corpo em roupas folgadas, eu também nunca me deixei namorar com ngm por mt tempo, para evitar que tivesse que me relacionar sexualmente, a vergonha que tenho do meu corpo é tão grande que só Deus sabe. Obg pelo vídeo creio que isso vá ajudar muitas negras adolescentes e que estão se descobrindo. Eu queria ter ouvido alguém quando ainda era mais nova, só quem ouviu essas besteiras em relação a sua sexualidade sabe como machuca e não ter ninguém para te ouvir é foda, você cria uns demônios que depois são muito difíceis de derrotar, quero me desconstruir mas a minha caminhada ainda é longa.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Os comentários acima destacam que, ao abordar a sexualidade, o vídeo abriu espaço para os temas da afetividade e solidão da mulher negra, o que clama por uma reflexão acerca de como a herança colonial influencia até os dias atuais o modo como essas mulheres são vistas na sociedade (PACHECO, 2013). Segundo Ferreira (2018), uma suposta hipersexualidade primitiva e inferioridade racial foram usadas para justificar o tratamento comumente designado a mulheres negras na mídia, naturalizadas como amantes e prostitutas. Nesse cenário, “mulher negra e mestiça estariam fora do mercado afetivo e naturalizada no mercado do sexo, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e escravizado” (PACHECO, 2013, p. 25). Esses argumentos reafirmam a dupla opressão sob a qual esse grupo é submetido, pois se “mulheres brancas sofrem desigualdades de gênero, mulheres negras têm a situação acentuada pelo racismo” (SOUZA, 2018, p. 97).

A construção social do papel subalterno designado à mulher negra, tida como hegemonicamente fora do “ideal estético feminino” (CARNEIRO, 1995, p. 547), escancara-se no modo como são representadas nos produtos culturais. Diante da ausência ou presença controlada de referências na mídia tradicional (CAMPOS et al., 2018), mulheres negras encontram espaço em plataformas online que se mostram, de certa forma, mais democráticas e abertas a novas discursividades de raça e gênero (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019). Nesse sentido, destacaram-se comentários de mulheres que se disseram “representadas” pelo projeto *#YoutubeNegro*, pelo tema e principalmente pelas mulheres negras que ali relataram suas vivências cotidianas (Figura 10). Gargallo (2007) discorre que o racismo herdado da Colônia não permitiu que as mulheres se reconhecessem como tais, relegando-as a categorias alicerçadas tanto na classe de procedência quanto ao pertencimento étnico. Segundo a autora, brancas, mestiças, índias e negras não compartilham cosmovisões nem espaços sociais.

Figura 10 – Comentário de usuária no canal.

Tô aqui emocionada, com lágrimas no rosto. A Ingrid de 13 não viu um vídeo como esse, que a ajudaria tanto, mas a de 23 está e agora me sinto mais representada, entendida e acolhida. Vamo mostrar esses vídeos pra todo mundo! Prás primas e primos, irmãs e irmãos, amigas e amigos. Vamos levar pras faculdades, pras escolas e cursos! Youtube negro, eu me vejo aqui.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Feminismo e mulher negra

O Dia internacional da mulher foi discutido por Nátaly Neri no vídeo *Mulher? Que Mulher? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões*, no qual pontuou alguns problemas relacionados ao modo como se aborda o 8 de março pautado em uma perspectiva universalizante. Sobre a universalização do feminismo, Ballestrin (2017) afirma que ele não é capaz de abarcar as diferenças e compensar as brechas e omissões marcadas em classe, raça, sexualidade e nacionalidade e que a geopolitização do debate feminista é prerrogativa fundamental. Nesse sentido, Vargas Valente (2005) apresenta um amplo e heterogêneo movimento de mulheres em diferentes partes da América Latina, os quais atuam de formas distintas para reverter sua situação de subordinação e exploração.

Essa problemática ganha eco e foco nas questões raciais com as asserções de Sueli Carneiro (2019), quando a autora destaca a necessidade de *Enegrecer o feminismo*, no sentido de que as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada a qual o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido devidamente. O não reconhecimento, ou reconhecimento tardio, de tais particularidades faz com que mulheres negras não se sintam totalmente contempladas com o feminismo e o neguem (Figura 11) enquanto um movimento abrangente como se pretende ser.

Figura 11 – Comentário de usuária no canal.

Comecei nesse meio da militância em 2014, por causa do meu cabelo. Eu tinha 16 anos. Iniciei pelo movimento negro e, em 2015, conheci o movimento feminista. Foi realmente o meio racial que me levou às questões de gênero. Mas hoje eu não me considero mais feminista, simplesmente por não me sentir contemplada por um movimento que me trata como mero recorte. No momento, não faço parte ativamente de nenhum movimento, porém continuo querendo o fim da supremacia branca e do patriarcado.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

Falar em enegrecer o feminismo, principalmente no Brasil - um país latino americano onde mais da metade da população se declara não branca (IBGE, 2019) - é ter consciência de que o racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral, e das mulheres negras em particular, operando também como fator de divisão na luta das

mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas (CARNEIRO, 2019). Essa consciência é motivadora para o questionamento do feminismo como movimento universal em nossos achados.

A proximidade das palavras “feito” e “feminismo” levou a comentários bem específicos, sugerindo o “mulherismo africano”¹⁰ como alternativa ao feminismo, quando este pretere pautar o racismo como opressão que se soma a desigualdade de gênero (Figura 12). Uma abordagem aprofundada acerca do tema não cabe no objetivo central deste artigo, mas é importante citá-lo, uma vez que a proposta do “Mulherismo africana”, termo cunhado em 1987 pela afro americana Clenora Hudson-Weems (NJERI; RIBEIRO, 2019), converge com o feminismo negro em certo grau ao pensar a experiência da mulher negra em busca de “construir nossas formas de permanência antígenocida e antirracista, além de desenvolvermos uma identidade positiva e consciente de si” (NJERI; RIBEIRO, 2019, p. 597).

Figura 12 – Comentário de usuária no canal.

Nátaly vc já ouviu falar sobre mulherismo africano? Como o feminismo não foi feito para as mulheres negras, eu tive que procurar algo que foi feito para mim, ai eu encontrei o mulherismo africano.

Fonte: Canal *Afro e Afins*.

3 DISCUSSÃO FINAL

O presente estudo investigou a produção, texto (representação) e recepção (leitura) da mulher negra no canal *Afros e afins* a partir de três vídeos relacionados aos temas *Beleza*, *Sexualidade* e *Feminismo e mulher negra*. Para alcançar tais objetivos contou com o aporte dos Estudos Culturais fazendo uso do Circuito de Cultura de Richard Johnson (ESCOSTEGUY, 2007), cuja proposta considera aspectos da produção, do texto e da leitura (recepção), momento este amparado pela Análise de Redes Semânticas, apresentada por James Danowski (2013).

O Circuito da Cultura permitiu que o estudo tivesse um olhar integral do canal *Afros e afins*, com a identificação da forma como cada eixo se conecta ao todo. Observamos que o discurso de Nataly Neri está atrelado diretamente a sua vivência acadêmica, experiência como influenciadora digital e como mulher negra. A relação fica evidente nas suas referências e no modo como aborda os temas da beleza, onde busca inspiração na sua experiência de infância. No que concerne à sexualidade, sua fala também está carregada de pessoalidade, mas também remete a críticas sociais. Por fim, quando problematiza a frequente abordagem excludente do

¹⁰ O termo correto é Mulherismo africana, nesse trecho mantivemos o “africano”, pois preferimos ilustrar exatamente o que foi escrito no comentário.

Dia Internacional da mulher, traz como referência um texto de Lélia Gonzalez, escancarando seu perfil acadêmico. É curioso notar que os vídeos com maior número de comentários são aqueles centrados nas vivências em detrimentos de conceitos teóricos.

O funcionamento do Youtube como ferramenta, de certo modo plural e democrática, além de projetos do site que incentivam criadores de conteúdo, proporciona a visibilidade de falas e experiências como a de Nataly Neri, causando identificação por parte do público que se reconhece nos vídeos, por vezes reforçando a luta antirracista, por vezes evidenciando experiências racistas não superadas. Comentários de agradecimento ao projeto revelam a relevância do conteúdo apresentado para as usuárias.

Ressaltamos, ainda, que o *corpus* cumpriu com as expectativas da pesquisa, tanto em termos quantitativos, quando se observa o número expressivo de comentários analisados, quanto qualitativamente, ao notarmos que apesar de um certo direcionamento por parte do texto, o público interpretou as falas de múltiplas formas e trouxe, a partir de suas particularidades, outras propostas. Para exemplificar, evidenciamos o *Mulherismo africana* como alternativa às generalizações de algumas pautas do Feminismo.

Por fim, entendemos que esta pesquisa se soma a outros estudos que, para além de identificar lacunas, busca compreender de forma analítica e científica novos discursos que transbordam o pessoal por serem indissociáveis de seu significado político a favor da equidade de gênero e raça.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. Feminismos Subalternos. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, 2017.

BASTIAN, Mathieu *et al.* **Gephi**: um software de código aberto para explorar e manipular redes. Artigo online, 2009. Disponível em: <https://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf>. Acesso em: 5 de set. de 2022.

BORGES, Roberto Carlos *et al.* Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, e54727, 2019.

CAMPOS, Graça Regina; CRUZ, Mônica da Silva. Disciplina, corpo e discurso na publicidade de produtos para cabelos cacheados. **Entrepalavras**, v. 8, n. 2, p. 120-136, 2018

CAMPOS, Luís Augusto *et al.* **A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. **Revista Estudo Feministas**, Florianópolis. v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, Heloís Buarque (Org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Claudia. Os Estudos Culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 44, p. 79-103, 2014.

COSTA, Thaís. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019?** Rockcontent. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 5 de set. de 2022.

DANOWSKI, James. **WORDij versão 3.0**: software de análise de rede semântica. Chicago: Illinois University, 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2007

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

FERREIRA, Ceíça. Reflexões sobre a ‘mulher’, o olhar e a questão racial na teoria feminista do cinema. **Revista Famecos**, v.25, n. 1, p. 1-24, 2018.

FIGUEIREDO, Matheus. **YouTube vai investir US\$ 100 milhões em criadores de conteúdo negros**. B9, 11 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.b9.com.br/127476/youtube-vai-investir-us-100-milhoes-em-criadores-de-conteudo-negros/>. Acesso em: 12 de set. de 2020.

GARGALLO, Francesa. Feminismo Latinoamericano. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, Caracas. v. 12, n. 28, p. 17-34, 2007.

GOMES, Larisse. Estéticas em transformação: a experiência de mulheres negras na transição capilar em grupos virtuais. In: SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: Olhares afrodiáspóricas. São Paulo: Literarua, 2020.

GOMES, Nilma. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo Crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, p. 12-20, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf. Acesso em: 06 de set. de 2022.

GOOGLE. **YouTube Black Brasil**: ampliando vozes que devem ser ouvidas. 2017. Disponível em: <https://brasil.googleblog.com/2017/11/youtube-black-brasil-ampliando-vozes.html>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda; William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HOOKS, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. Portal Géledes, 2014. Disponível: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 07 de set. de 2020.

IBGE. **Cor ou raça**. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2KkUicQ>. Acesso em: 3 de set de 2020.

INTERVOZES. **Proprietários da mídia**. 2017 Disponível em: <http://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/>. Acesso em: 11 de set. de 2020

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica Editora. Edição do Kindle, 2014.

KEMP, Simon. **Digital 2020**. Data Reportal. 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

LIMA, Ramalho. **YouTube é processado por “discriminar” youtubers negros**. Tecmundo, 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/154556-youtube-processado-discriminar-youtubers-negros.htm>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

LOPES, Dailza; FIGUEIREDO, Ângela. Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. **Opará**: Etnicidades, movimentos sociais e educação, v. 6, n. 8, n.p., 2018.

MALTA, Renata; OLIVEIRA, Laila. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, v. 16, n. 2, p. 55-69, 2016.

MALTA, Renata; COSTA, Aianne; MEIRELLES, Pedro. #Casamentoreal: uma análise sociocultural a partir de postagens no Twitter. **Revista Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 28-40, 2019.

MENDONÇA, Rhayssa Fernandes; MAINIERI, Tiago. A internet como espaço de mobilização: a marca Use Huck e a apropriação da campanha “Somos Todos Macacos”. **Comunicação & Informação**, v. 17, n. 2, p. 187-201, 2014.

MITCHELL-WALTHOUR, Gladys. Afro-Brazilian women YouTubers’ Black Feminism in Digital Social Justice Activism. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 18, n. 3, p. 126-175, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NERI, Nataly. Releitura de penteados que usava na infância. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWst82YAftM>. Acesso: 07 de ago. de 2020.

NERI, Nataly. Mulher? Que mulher? Racismo no movimento feminista, Lélia Gonzalez e outras reflexões. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_xMIYnIweRw. Acesso em: 07 de ago. de 2020.

NERI, Nataly. Mulher negra e sexualidade - Com Xan Ravelli e Gabi Oliveira - #YouTubeNegro. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_eXVMHWe8FE. Acesso em: 07 de ago. de 2020.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 595-608, 2019.

PACHECO, Ana Claudia. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PAZ, Huri; MEIRELLES, Pedro. Discursos de ódio na internet: uma análise sobre a marginalidade dos corpos negros. In: Congresso brasileiro de pesquisadores negros, 10, Uberlândia, 2018. **Anais...** Uberlândia: COPENE, 2018.

PRYSTHON, Angela. Intersecções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação. **E-Compós**, v. 1, p. 1-10, 2004.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet: considerações iniciais. **E-Compós**, v. 2, p. 1-23, 2005.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIEDER, Bernhard. **Ferramentas de dados do YouTube** (versão 1.11) [Software], 2015. Disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>. Acesso em: 12 de set. de 2020.

SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. **Revista Comunicare**, v. 14, n. 1, p. 132-144, 2014.

SILVA, Rodrigo Oliveira. **Um mapa da direita no YouTube do Brasil através dos métodos digitais**. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algoritmo em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos**. São Paulo: Literarua, 2020.

SILVA, Thais. Construções identitárias e TIC(s): O caso do Blog ‘Blogueiras Negras’. **Extraprensa**, v. 12, p. 488-504, 2019.

SOUZA, Daiana. Que voz é essa? Identidade e narrativa da mulher negra no YouTube. In: SILVA, Tarcízio Silva *et al.* (Orgs.). **Estudando cultura e comunicação com mídias digitais**. Brasília: IBPAD, 2018.

TRINDADE, Luis Valerio. **It is not that funny**: Critical analysis of racial ideologies embedded in racialized humour discourses on social media in Brazil. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of Southampton, 2018.

VARGAS VALENTE, Virginia. Los feminismos latinoamericanos en su tránsito al nuevo milenio: Una lectura político-personal. In: MATO, D. (Org.). **Cultura, Política y Sociedad: Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

VIANA, Gêssica; CARRERA, Fernanda. A (in)visibilidade da mulher negra youtuber. **Revista Reciis**, v. 13, n. 4, p. 707-724, 2019.

WESCHENFELDER, Viviane; FABRIS, Elí. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, e54025, 2019.

WOODWARD, Kathryn, Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.